



Solange Maria da Rocha

**ANTÍTESES, DÍADES, DICOTOMIAS NO JOGO ENTRE
MEMÓRIA E APAGAMENTO PRESENTES NAS NARRATIVAS
DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: um olhar para o
Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**

Tese de doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Ana Waleska Pollo Campos Mendonça

Rio de Janeiro
Abril de 2009



Solange Maria da Rocha

Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Ana Waleska Pollo Mendonça

Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Zaia Brandão

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Alicia Maria C. de Bonamino

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Rosana Glat

UERJ

Prof. Miriam Waidenfeld Chaves

UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, ____/____/____

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

SOLANGE MARIA DA ROCHA

Licenciada e bacharelada em História pela Universidade Federal Fluminense em 1979. Pedagoga com habilitação em Educação Especial, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1987. Mestre em Educação Especial pela U.E.R.J., 1994. É professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Participou da criação da Revista Espaço, publicação técnico-científica do INES. Coordenou pesquisa de alternativas educacionais na pré-escola do INES no período 1987/1990. No ano de 2008 escreveu um livro intitulado *O INES e a Educação de Surdos no Brasil*, publicado pelo MEC/INES. Presta assessoria às redes de ensino, relativa às políticas públicas educacionais que envolvem sujeitos surdos.

Ficha Catalográfica

Rocha, Solange Maria da

Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos : um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961) / Solange Maria da Rocha; orientadora: Ana Waleska Pollo Campos Mendonça. – 2009.
160 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. História. 3. Memória. 4. Educação Especial. 5. INES. I. Mendonça, Ana Waleska Pollo Campos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Agradecimentos

É difícil agradecer a uma Instituição pela possibilidade de realizar um trabalho. Essa dificuldade se expressa pela quase impossibilidade de endereçamento. Como endereçá-lo? São muitos seus endereços: dos porões à Mata Atlântica, dos alunos às centenárias árvores, dos colegas à riqueza de sua história. Um mosaico de lugares, de endereços onde devem chegar a minha gratidão. O Instituto Nacional de Educação de Surdos, no cenário da Educação brasileira há 152 anos, me recebeu ainda jovem e me instigou, desde que subi sua bela escadaria pela primeira vez, a investigar seus múltiplos sentidos. É assim, como um sopro, que intenciono chegar com minhas mãos e minha voz a um sentido profundo de reconhecimento pela realização desse trabalho.

A possibilidade de estudar aspectos da história da educação de surdos, tendo como campo o INES, foi muito bem recebida por Ana Waleska Pollo de Mendonça, orientadora desse trabalho. Devo dizer que sua aceitação e generosidade foram fundamentais para a concretização dessa investigação. A pesquisa da história da Educação de Surdos fica mais rica com as suas contribuições.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro agradeço a oportunidade de desenvolver esse estudo num ambiente de excelência intelectual e de relações humanas respeitadas e cordiais.

Sou muito grata às horas de deleite intelectual e afetivo nas aulas dessas mestras e mestre queridos: Ana Waleska, Zaia Brandão, Sonia Kramer, Rosália Duarte e Leandro Konder.

À Eva e Nestor, meus queridíssimos pais, companheiros e cúmplices.

Aos grandes personagens de meu território afetivo, parceiros da incrível e *dangerosíssima* aventura de viver.

À Vera Lúcia Lopes Dias, querida amiga, pela composição dos anexos e pelo prazer de cotidianamente ver papéis rotos em perigo serem transformados em imagens virtuais seguras para que possam seguir seus destinos de exalarem sentidos de épocas.

À turma de dentro da turma do doutorado PUC/2005. Faceira Lobélia, Eloiza Vilarejo, Ana Pragmática, Mafalda Cris, Marcela, eternas meninas brincando de gente grande.

À Eloiza D. Neves pela colaboração em tornar um pouco mais viável essa caminhada.

À Petz tenho a nos dizer o que disse Humberto Eco: *É possível muitas coisas serem verdadeiras ao mesmo tempo, mesmo que se contradigam.* Um brinde à nossa coragem!

À memória de Rômulo, meu grande e saudoso amigo.

À memória da vovó Neném, meu primeiro e definitivo sentido de colo.

À memória de Álida do Céu, da aldeia medieval de Freigil, do rio Douro, dos meus primeiros fados, das muitas histórias contadas, das crendices e do cristianismo, da construção do meu território lusitano. Minha tia querida, esse doutorado é em sua homenagem.

Resumo

Rocha, Solange Maria; Mendonça, Ana Waleska Pollo Campos. **Antíteses, Díades, Dicotomias no Jogo entre Memória e Apagamento Presentes nas Narrativas da História da Educação de Surdos: um olhar para o Instituto Nacional De Educação de Surdos (1856/1961)** . Rio de Janeiro, 2009. 160p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho buscou identificar os efeitos de narrativas dicotomizadas para a história da educação de surdos, tendo como campo de investigação o Instituto Nacional de Educação de Surdos. Apresento uma análise de como o Instituto vem sendo narrado pela produção bibliográfica que se consolidou no campo da educação de surdos, a partir dos anos noventa. A década de 1950, por exemplo, é apresentada, por esses autores, no âmbito estrito do debate linguístico – entre os defensores do ensino através da língua de sinais e os defensores do ensino através da língua oral – de modo antitético e em defesa do ensino através dos sinais. Este percurso de narrativa crítica vem assumindo uma perspectiva de história-tribunal numa lógica de opressores (ouvintes/oralistas) versus oprimidos (surdos/gestualistas). Alguns pioneiros da educação de surdos, dentre eles o francês Jean-Marie Gaspard Itard (1755-1838), são apresentados hoje como anacrônicos em seus tempos por não corresponderem às idéias desse corpo teórico. Considero que a centralidade que essas críticas vêm assumindo opera inúmeros apagamentos e compromete a percepção das interações do campo com o da educação geral. Para a investigação, foram utilizadas fontes de natureza documental e iconográfica além de entrevistas. A compreensão dos processos de memória e história se apoiou, principalmente, em Halbwachs (2006), Le Goff (2003) e Duby (1993) . O estudo apontou que não foi a educação de surdos que não dialogou com a educação regular ou com as políticas nacionais. O que não tem havido é pesquisa sobre esses diálogos.

Palavras-chaves

Memória, surdos, história, instituição, educação especial.

Abstract

Rocha, Solange Maria; Mendonça, Ana Waleska Pollo Campos (Advisor). **Antithesis, dyads, dichotomies in the game between memories and invisibilities present at the narratives about the History of Deaf Education: a look at the Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. Rio de Janeiro, 2009. 160p. Thesis – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work tried to identify the effects of dichotomized narratives to the history of deaf education, having as the field of investigation the National Institute for Deaf Education (Instituto Nacional para Educação de Surdos: INES). An analysis of how the Institute has been narrated in the bibliographic production about deaf education since the nineties is carried out and in it there is an opposition between those who maintain the teaching through the Brazilian sign language and those who defend the oral language, in an antithetic way and with a clear defense of the teaching through the sign language. This route of such a critical narrative has assumed a court-history perspective, in an oppressor logic (listeners/oralists) *versus* oppressed (deaf/gesture adapters). Some pioneers on deaf education, such as the French Jean-Marie Gaspard Itard (1755-1838), are considered anachronic in their times for not corresponding to such nowadays theoretical formulations. I consider that the centrality that these critics have reached causes innumerable invisibilities that affect the perception of the interactions between the field of deaf education and of general education. For this investigation, besides official documents, interviews and letters have been used as research resources. The comprehension about the processes was based on Halbwachs (2006), Le Goff (2003) and Duby (1993). The present study pointed out that it wasn't the deaf education which hasn't dealt with the regular education or national politics. We lack research about these dialogues.

Keywords

Memory, deaf people, history, institution, special education.

Sumário

1	Apresentação: A indagação de Esmeralda	10
1.1	Repercussão das Luzes na educação de surdos	15
1.2	O que se tem dito	21
1.3	Diálogos possíveis	28
1.4	As fontes documentais	34
2	Presença do Instituto Nacional de Educação de Surdos: entre a circunscrição Laranjeiras e o Brasil	37
2.1	Circulação de idéias em alcance nacional	40
2.2	O Instituto no âmbito das Laranjeiras	54
3	Um lema para um projeto nacional no tom desenvolvimentista dos anos 50: <i>O surdo não é diferente de você, ajude a educá-lo</i>	70
3.1	Um filme em Campanha	81
3.2	A Campanha	83
4	O debate no Instituto: O que têm querido e o que têm podido essas línguas?	89
4.1	O marco milanês	89
4.2	Uma outra escrita para a escrita	98
4.3	Ensino profissionalizante e uma linguagem	110
4.4	O verbo é falar a moda milaneza	114
5	Conclusão	122
6	Referências Bibliográficas	126
7	Fontes Documentais	132
8	Anexos em imagens	134

Eu estava sozinho. Conseguira finalmente que trouxessem uma caixa de papelão, que foi depositada sobre uma mesa. Abri-a. Que encontraria lá dentro? Retirei um primeiro maço de documentos. Desamarrei-o, enfiando a mão por entre as peças de pergaminho. Tomando uma delas, desenrolei-a, e toda esta operação já implicava um certo prazer: não raro essas peles são de contato extraordinariamente suave. Soma-se a impressão de estar entrando num local reservado, secreto. Desamassadas, estendidas, essas folhas parecem exalar no silêncio o perfume de vidas há muito extintas. É verdade que permanece das mais fortes a presença do homem que, oitocentos anos antes, tomou uma pena de ganso, mergulhou-a na tinta e começou a alinhar as letras, calmamente, como que gravando uma inscrição para a eternidade, e o texto lá está, diante de nós, em todo o seu frescor. Quem mais terá posto os olhos nessas palavras desde então? Quatro ou cinco pessoas no máximo. *Happy few*. Outro prazer, este excitante: o prazer de decifrar, que não passa de um jogo de paciência. Terminada a tarde, um punhado de dados, quase nada. Mas são exclusivamente nossos, de quem soube ir ao seu encontro, e a caçada foi muito mais importante que o animal capturado. Cabe perguntar se o historiador encontra-se alguma vez mais próximo da realidade concreta, dessa verdade que anseia por atingir e que lhe escapa permanentemente, do que no momento em que tem diante de si, examinando-os atentamente, esses restos de escrita que emanam do fundo das eras, como destroços de um completo naufrágio, objetos cobertos de signos que podemos tocar, cheirar, observar na lupa, e aos quais ele dá o nome de “fontes”, em seu jargão.

Georges Duby